

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES  
LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS**

**GABRIELLY OLIVEIRA MOREIRA**

**TEONÍMIA EM LIBRAS: ANÁLISE MOTIVACIONAL DOS SINAIS QUE NOMEIAM  
OS ORIXÁS DO CANDOMBLÉ**

**RIO BRANCO**

**2023**

**GABRIELLY OLIVEIRA MOREIRA**

**TEONÍMIA EM LIBRAS: ANÁLISE MOTIVACIONAL DOS SINAIS QUE NOMEIAM  
OS ORIXÁS DO CANDOMBLÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para a obtenção do título de Graduada em Letras Libras.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa

**RIO BRANCO**

**2023**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

---

M813t Moreira, Gabrielly Oliveira, 1995 -

Teonímia em libras: análise motivacional dos sinais que nomeiam os orixás do candomblé / Gabrielly Oliveira Moreira; orientador: Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa. - 2023.

52 f.: il; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Curso de Licenciatura em Letras: Libras, Rio Branco, 2023.

Inclui referências bibliográficas, apêndices e anexos.

1. Libras. 2. Teonímia. 3. Candomblé. I. Sousa, Alexandre Melo de (orientador). II. Título.

CDD: 419

---

Bibliotecário: Uéliton Nascimento Torres CRB-11º/1074.

GABRIELLY OLIVEIRA MOREIRA

TEONÍMIA EM LIBRAS: ANÁLISE MOTIVACIONAL DOS SINAIS QUE NOMEIAM  
OS ORIXÁS DO CANDOMBLÉ

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do  
título de Licenciado em Letras Libras, da Universidade Federal do Acre.

Rio Branco, 20 de março de 2023.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa  
Presidente - Orientador

---

Prof. Dr. Francisco Pinheiro de Assis  
Examinador - UFAC

---

Profa. Dra. Rosane Garcia Silva  
Examinadora - UFAC

RIO BRANCO  
2023

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha amada mãe, mulher guerreira e batalhadora que sempre lutou para me proporcionar o melhor, que sempre me incentivou a ir em busca dos meus objetivos e vibrou comigo a cada conquista minha, desde os meus primeiros passos. Também dedico esta pesquisa à razão do meu viver: minha filha, que alegra meus dias e trouxe sentido à minha vida com sua chegada. Malu, é tudo por você, para você, sempre será!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por permitir que eu chegasse até aqui, por me dar forças e sabedoria ao longo da minha trajetória de vida, inclusive, na trajetória desta pesquisa.

Ao professor Dr. Alexandre Melo de Sousa, agradeço imensamente por me orientar, por sempre me mostrar o melhor caminho a trilhar, que com sua determinação, humildade, compreensão, paciência e sabedoria, se tornou uma inspiração para mim, e por não medir esforços para que esse trabalho fosse concluído com êxito.

À professora Dra. Rosane Garcia, por todos os conhecimentos compartilhados, pela paciência e compreensão, o que tornou esse momento possível.

Agradeço ao professor Dr. Wermerson Silva (UESB), pela atenção e a disponibilidade em atender minhas dúvidas, e por permitir que eu utilizasse seus vídeos para a seleção dos dados.

Aos Docentes do Curso de Letras Libras, deixo aqui meus agradecimentos por todos os ensinamentos e experiências que compartilhamos ao longo desses anos, e principalmente, por todas as oportunidades que me proporcionaram, contribuindo imensamente para meu crescimento acadêmico.

À toda equipe do Núcleo de Apoio à Inclusão – NAI, com quem dividi minhas tardes, me proporcionando momentos leves e de muito aprendizado pessoal e profissional.

Ao meu grande amigo, João Xavier, pela nossa amizade e, principalmente, por nunca ter desistido de mim, por ter me apoiado nessa trajetória como ninguém, e por estar sempre ao meu lado, independente das circunstâncias. Se não fosse você, que me inspirou e incentivou a dar o primeiro passo nessa caminhada, nada disso seria estaria se cumprindo.

À minha maior riqueza, minha filha Maria Luiza, que apesar de minha ausência, todos os dias me recebe com um sorriso no rosto e de braços abertos, me mostrando que seu amor é incondicional.

Aos meus familiares e amigos, que conseqüentemente se tornaram minha família também, agradeço o apoio de sempre e por vibrarem comigo a cada nova conquista em minha vida.

“Axé pra quem é de axé, amém pra quem é de amém,  
Blessed be pra quem é de magia, e amor pra quem é do bem [...]”

– Vintage Culture

## RESUMO

O ato de nomear, de dar sentido às coisas, e organizar o mundo por meio de conceituar e individualizar pessoas, objetos, sentimentos, seres reais ou fictícios é uma característica da interação humana. Essa característica é o que constitui o léxico de uma língua. Esta pesquisa se localiza no âmbito da Lexicologia, especificamente no campo da Teonímia – uma subárea da Onomástica que estuda os nomes próprios de deuses e entidades sobrenaturais. A Onomástica é uma vertente da linguística que estuda os nomes próprios e possui suas diversas ramificações como a Toponímia, a Antroponímia e a Panteonímia, que se subdivide em outras ramificações como a Teonímia, a Onionímia, a Zoonímia etc. O objetivo geral deste trabalho implicou em analisar os sinais dos Orixás do Candomblé em Libras com base nas suas características formais (fonológicas e morfológicas) e icônicas. A partir de nossos objetivos, trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada, com caráter descritivo, com abordagem qualitativa, que se caracteriza como documental. Dentre a fundamentação teórica utilizada, os principais norteadores foram: Biderman (1998; 2001), Castro (2001), Sousa (2022a; 2022b), Vidigal e Teixeira (2014). Os resultados alcançados apontam que, quanto à classificação morfológica, dos 10 sinais analisados, 7 são do tipo simples e 3 do tipo composto. Quanto ao aspecto semântico-motivacional, foi identificado o aspecto da iconicidade em todos os sinais. Diante dos resultados, percebemos que ainda há muito o que investigar, descobrir e discutir a respeito do léxico de povo-de-santo, o que nos permite dar continuidade a este trabalho em projetos futuros, que corrobore com os estudos onomásticos voltados para a Língua Brasileira de Sinais – a Libras.

Palavras-chave: Libras; Teonímia; Candomblé.



## ABSTRACT

The act of naming, giving meaning to things, and organizing the world by conceptualizing and individualizing people, objects, feelings, real or fictional beings is a characteristic of human interaction. This characteristic is what constitutes the lexicon of a language. This research is located in the scope of Lexicology, specifically in the field of Theonymy – a sub-area of Onomastics that studies the proper names of gods and supernatural entities. Onomastics, in short, is a branch of linguistics that studies names and has its various branches such as Toponymy, Anthroponymy and Pantheonmy, which are subdivided into other branches such as Theonymy, Ononymy, Zoonymy, among others. The general objective of this work involved analyzing the signs of the Candomblé Orixás in Libras based on their (phonological and morphological) and iconic characteristics. Based on our objectives, this is an applied research, with a descriptive character, with a qualitative approach, which is characterized as documental. Among the theoretical foundations used, the main guides were: Biderman (1998; 2001), Castro (2001), Sousa (2022a; 2022b), Vidigal and Teixeira (2014). The results reached indicate that, regarding the morphological classification, of the 10 signals analyzed, 7 are of the simple type and 3 of the compound type. As for the semantic-motivational aspect, the aspect of iconicity was identified in all signs. Faced with the results, I cried that there is still a lot to investigate, discover and discuss about the lexicon of povo-de-santo, which allows us to continue this work in future projects, which corroborates with the onomastic studies focused on the Language Brasileira de Signals – Libras.

Keywords: Libras. Theonymy. Candomblé.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Onomástica e suas subáreas .....	15
Figura 2	Configurações de Mãos (CM) .....	22
Figura 3	Representação do Orixá Exu .....	31
Figura 4	Sinal EXU e escrita do sinal em <i>SignWriting</i> .....	32
Figura 5	Representação do Orixá Iansã .....	33
Figura 6	Sinal IANSÃ e escrita do sinal em <i>SignWriting</i> .....	33
Figura 7	Representação do Orixá Iemanjá .....	34
Figura 8	Sinal IEMANJÁ e escrita do sinal em <i>SignWriting</i> .....	35
Figura 9	Representação do Orixá Nanã .....	36
Figura 10	Sinal NANÃ e escrita do sinal em <i>SignWriting</i> .....	36
Figura 11	Representação do Orixá Ogum .....	37
Figura 12	Sinal OGUM e escrita do sinal em <i>SignWriting</i> .....	38
Figura 13	Representação do Orixá Omolu .....	39
Figura 14	Sinal OMOLU e escrita do sinal em <i>SignWriting</i> .....	39
Figura 15	Representação do Orixá Oxalá .....	40
Figura 16	Sinal OXALÃ e escrita do sinal em <i>SignWriting</i> .....	41
Figura 17	Representação do Orixá Oxóssi .....	42
Figura 18	Sinal OXÓSSI e escrita do sinal em <i>SignWriting</i> .....	42
Figura 19	Representação do Orixá Oxum .....	43
Figura 20	Sinal OXUM e escrita do sinal em <i>SignWriting</i> .....	44
Figura 21	Representação do Orixá Xangô .....	45
Figura 22	Sinal XANGÔ e escrita do sinal em <i>SignWriting</i> .....	45

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Classificação Morfológica .....	47
----------	---------------------------------	----

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1</b>	<b>O ato de nomear .....</b>	<b>13</b>
<b>2.2</b>	<b>A Onomástica .....</b>	<b>14</b>
2.2.1	Onomástica em Línguas de Sinais .....	16
2.2.2	Onomástica e Interdisciplinaridade .....	18
2.2.3	Onomástica e Cultura .....	29
<b>2.3</b>	<b>Estrutura e iconicidade dos sinais onomásticos.....</b>	<b>21</b>
<b>2.4</b>	<b>As religiões de matrizes africanas .....</b>	<b>24</b>
<b>3</b>	<b>ASPECTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>28</b>
<b>3.1</b>	<b>Caracterização geral da pesquisa .....</b>	<b>28</b>
<b>3.2</b>	<b>O <i>corpus</i> .....</b>	<b>29</b>
<b>3.3</b>	<b>Procedimentos de análise .....</b>	<b>29</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>31</b>
<b>4.1</b>	<b>Sinal EXU .....</b>	<b>31</b>
<b>4.2</b>	<b>Sinal IANSÃ .....</b>	<b>32</b>
<b>4.3</b>	<b>Sinal IEMANJÁ .....</b>	<b>34</b>
<b>4.4</b>	<b>Sinal NANÃ .....</b>	<b>36</b>
<b>4.5</b>	<b>Sinal OGUM .....</b>	<b>38</b>
<b>4.6</b>	<b>Sinal OMOLU .....</b>	<b>49</b>
<b>4.7</b>	<b>Sinal OXALÁ .....</b>	<b>41</b>
<b>4.8</b>	<b>Sinal OXÓSSI .....</b>	<b>43</b>
<b>4.9</b>	<b>Sinal OXUM .....</b>	<b>44</b>
<b>4.10</b>	<b>Sinal XANGÔ .....</b>	<b>46</b>
<b>4.11</b>	<b>Síntese da análise .....</b>	<b>48</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>50</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os primeiros estudos sobre as línguas de sinais (LS) foram realizados por William Stokoe em 1960, e evidenciaram seu status linguístico por meio da estrutura dos sinais. O linguista atestou que os sinais eram compostos por no mínimo três parâmetros fonológicos, que, quando combinados, formam um sinal, que também pode ser considerado como um signo linguístico.

Embora os estudos a respeito das LS tenham iniciado em 1960, o que os tornam recentes, a Libras só foi reconhecida legalmente no Brasil em 24 de dezembro de 2002 pela Lei Nº 10.436/2002, tornando-se a língua oficial dos surdos brasileiros.

O Decreto Nº 5.626/2005 regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. O art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, declara como pessoa surda “aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras” (BRASIL, 2005).

A Libras é uma língua natural, de modalidade visual-espacial, que possui um sistema linguístico independente, constituído por regras morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas próprias das línguas de sinais (QUADROS; KARNOPP, 2004). Portanto, uma vez que os surdos compartilham as suas experiências de vida e compreendem o mundo diferente dos ouvintes, pois percebem o mundo por uma perspectiva inteiramente visual, podemos dizer que eles possuem uma cultura própria, por isso, ao atribuir um nome a uma pessoa, a um objeto, aos animais ou qualquer outra coisa, o sinal-nome é criado a partir da perspectiva dos surdos em relação ao que o que está sendo nomeado representa, o que faz com que a comunidade surda seja reconhecida por suas particularidades e singularidades culturais.

Atualmente, mesmo com os avanços relacionados às pesquisas com foco na Libras, as investigações que se voltam para a linguística da Libras, especialmente para o campo onomástico das línguas de sinais, ainda carecem de atenção, isso porque, são recentes os trabalhos científicos que investigam os nomes próprios em línguas de sinais, seja de lugares, pessoas, instituições, animais etc.

A partir do contato com a comunidade surda no âmbito acadêmico, e com pessoas que frequentam o Candomblé na cidade de Rio Branco – Acre, foi observado que se têm poucos estudos voltados para a Libras no contexto das religiões de

matrizes africanas, especialmente sobre o léxico dos adeptos ao Candomblé. Perceber a escassez de estudos nessa área nos motivou a realizar essa pesquisa, uma vez que há a necessidade de conhecimento de diversas áreas do saber para o ensino de e em Libras. Dessa forma, almejamos que, com este estudo, seja possível relacionar o ensino de e em Libras com outras áreas do saber, como a História, a Religião, a Geografia, a Antropologia, o que evidencia a relação interdisciplinar presente no processo de ensino e aprendizagem. Por isso acredito que esta pesquisa contribuirá significativamente para a minha formação.

Este trabalho tem como ponto de partida a seguinte questão: quais as características motivacionais dos sinais em Libras que nomeiam os Orixás do Candomblé? Para responder esta pergunta, tivemos como objetivo geral: analisar os sinais dos Orixás do Candomblé em Libras com base nas suas características estruturais (fonológicas e morfológicas) e icônicas. Assim, para que fosse possível cumprir com o objetivo geral, seguimos então com os objetivos específicos: a) selecionar os sinais em Libras dos Orixás do Candomblé em um vídeo disponível no canal do YouTube intitulado “Axé Libras”; b) descrever os sinais quanto aos parâmetros de formação; c) classificar os sinais dos Orixás em Libras a partir do tipo morfológico; d) descrever as características icônicas dos sinais dos Orixás em Libras.

Com esta pesquisa, pretende-se contribuir com os estudos onomásticos em Libras com foco na Teonímia, uma das subáreas da Onomástica que trata dos nomes dos deuses e entidades sobrenaturais, como é o caso dos Orixás. Além disso, será possível contribuir com a catalogação dos sinais teonímicos em Libras por meio do armazenamento de dados e análises detalhadas e específicas de cada sinal.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: a primeira seção consiste no referencial teórico, ou seja, a apropriação de trabalhos científicos que se fizeram necessários para embasar nossa pesquisa, trazendo, portanto, autores que tenham se empenhado em discutir o Léxico, a Onomástica, e os estudos onomásticos em Libras, assim como os estudiosos que nos trazem a riqueza de explorar e conhecer um pouco das religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras.

Na segunda seção, que implica na metodologia desta pesquisa, descrevemos a caracterização geral da pesquisa, o detalhamento do *corpus* e os procedimentos de análise.

Na terceira, que consiste na análise dos dados, os sinais coletados são analisados quanto à estrutura fonológica, o tipo morfológico e quanto à iconicidade presente nos sinais selecionados.

Por fim, serão apresentadas as considerações finais e as referências das obras utilizadas para a realização deste trabalho.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção abrange a fundamentação teórica que contribuiu para a realização de nossa pesquisa. Como dito, nossos objetivos implicam em analisar os sinais em Libras dos Orixás quanto à estrutura fonológica, à classificação morfológica e à motivação. Para isso, é necessário apresentar alguns autores, que em suas obras, dialogam a respeito do léxico, da Onomástica, e o papel dos estudos Onomásticos em Libras.

### 2.1 O ato de nomear

Desde os tempos dos primórdios o ser humano tem a necessidade de identificar e distinguir as coisas ao seu redor, sejam pessoas, objetos, sentimentos e territórios, a intenção é a mesma: e identificar o mundo ao seu redor. O ato de nomear as coisas é uma característica própria da interação humana e, por meio deste atributo o léxico de uma língua se constitui. Ao investigar o léxico da língua, seja de modalidade oral ou de modalidade gestual-visual, é indispensável que seja considerada a identidade cultural e ideológica de seus falantes, pois, léxico e cultura são indissociáveis (BIDERMAN, 1998; 2001).

Segundo Lourenço e Cunha (2022, p. 117), o ato de nomear não ocorre da mesma forma em todas as culturas.

[...] Como não poderia deixar de ser, diferentes povos e culturas estabeleceram práticas e costumes diversos no que diz respeito à atribuição de nomes próprios, seja a entidades animadas (como pessoas e animais), seja a entidades inanimadas (como lugares e instituições). Por esse motivo, os estudos onomásticos – isto é, os estudos que se dedicam aos nomes próprios – devem possuir, também, um componente antropológico. [...].

Segundo Biderman (1998), conceituar ou dar significado às coisas são modos de organizar o mundo, assim, nomear pessoas, objetos, sentimentos, lugares, seres reais ou fictícios, é fazer com que essas coisas existam, fazendo com que elas se tornem parte do mundo em que vivemos. Portanto, o léxico de uma língua é constituído pelos aspectos culturais de uma comunidade linguística, ou seja, pelo resultado das experiências compartilhadas.

De acordo com Antunes (2012), o léxico de uma língua pode ser visto como um extenso repertório de palavras, ou seja, um conjunto de itens à disposição de seus falantes, que utilizam esses itens para atender a necessidade de comunicação entre eles. Dessa forma, pode-se dizer que a partir do léxico de um povo podemos conhecer sua cultura, suas crenças, seus costumes, como parte de um grupo social e linguístico. Para analisar e explorar o léxico de uma língua, é necessário partir de uma perspectiva filológica, que implica em explorá-lo considerando a língua, a história, a cultura e a sociedade em que esse léxico se constituiu.

Na perspectiva de Biderman (2001, p. 16), há três vias de estudos sobre o léxico: a lexicografia, a terminologia e a lexicologia. Esta última tem como objeto básico de estudos e análise da palavra “a categorização lexical e a estrutura do léxico”. As autoras afirmam que são raros os trabalhos científicos que têm como objeto de estudo a estrutura do léxico, pois, segundo elas, definir e identificar uma unidade lexical é algo complexo. A autora aponta que o estudo das significações linguísticas se atribui à Semântica, e por isso, a lexicologia faz fronteira com a Semântica, já que, ao investigar o léxico e a palavra, é necessário considerar sua dimensão significativa.

Sabendo disso, pode-se dizer que, os estudos lexicológicos se identificam com nosso estudo, uma vez que buscamos analisar o léxico da Libras no contexto do Candomblé, descrevendo a estrutura fonológica dos sinais e identificando-os quanto ao seu tipo morfológico. A área da lexicologia que se ocupa em analisar os substantivos próprios é a Onomástica ou Onomatologia.

## **2.2 A Onomástica**

A Onomástica, nas considerações de Amaral e Seide (2020, p. 10), é a área da linguística definida como “o estudo dos nomes próprios” em geral, tanto em línguas orais quanto em línguas de sinais.

Para Sousa (2022a), um nome próprio pode ser atribuído não somente aos indivíduos e aos lugares, mas também a outros seres e coisas existentes no mundo, como obras de arte, meios de transportes, animais, instalações comerciais, coisas fictícias, eventos festivos, seres sobrenaturais e tudo que o homem queira distinguir.

Sabendo que a Onomástica estuda os nomes próprios em geral, vale ressaltar suas diversas subáreas. Enquanto a Antroponímia se dedica em estudar os nomes próprios de pessoas, a Toponímia tem como foco os nomes próprios de lugares

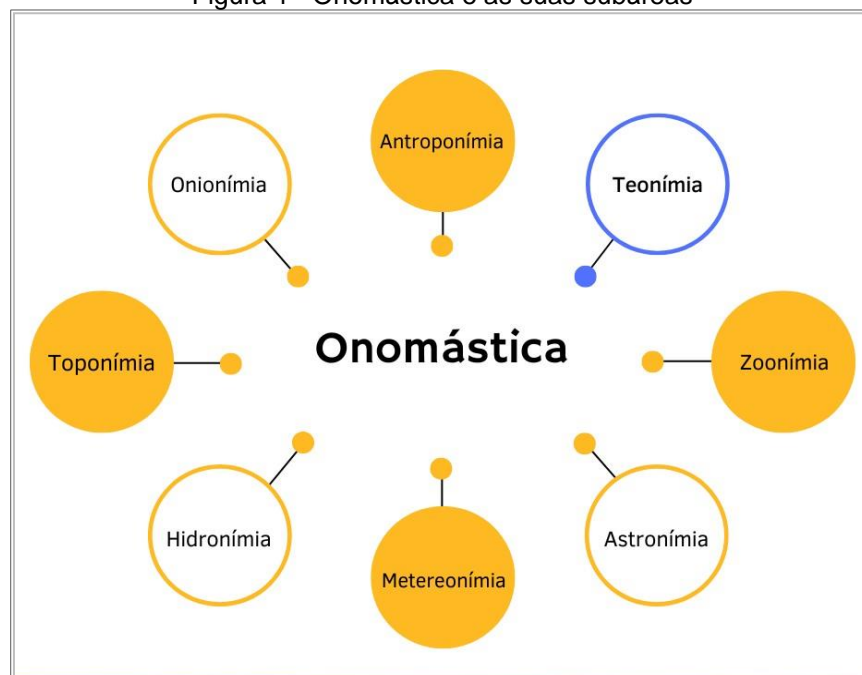


geográficos. No entanto, Pereira (2018) aponta uma outra subárea da Onomástica trazida por Leite de Vasconcelos (1928): a Panteonímia – que se dedica em estudar os nomes próprios das entidades sobrenaturais, dos astros, ventos, animais, e outras coisas. Dentro dos estudos panteonímicos há áreas específicas de estudos, como a Zoonímia, a Astronímia, a Onionímia, e a Teonímia. Essa subdivisão foi apresentada por Guérios (2004).

O estudo dos nomes próprios classificam-no primordialmente em nomes de pessoas, a que se dá o título de Antroponímia (expressão que pela primeira vez foi empregada em 1887 por J. L. de Vasconcelos na Revista Lusitana, I, 45), e em nomes de lugares ou geográficos, que se denomina Toponímia (nomes de nações, províncias, cidades, sítios, montes, vales, rios, etc). Ambas as secções formam a Onomástica ou Onomatologia — ciência dos nomes próprios — a que J. L. de Vasconcelos acrescenta uma terceira parte — Panteonímia — isto é, estudo dos nomes próprios das entidades sobrenaturais, de astros, ventos, animais, de coisas (espada, navios, sinos etc.). Especificamente: Teonímia — estudo dos nomes de deuses e seres sobrenaturais; de Zoonímia — dos nomes de animais; de Astronímia — dos nomes de astros e símiles. Mais recentemente, introduziu-se a secção Onionímia — estudo dos nomes de produtos comerciais (GUÉRIOS, 2004, p. 19).

A seguir, de acordo com a figura 1, Sousa (2022a) ilustra a Onomástica e suas subáreas de conhecimentos.

Figura 1 - Onomástica e as suas subáreas



Fonte: Adaptado de Sousa (2022, p. 14)

Nesse sentido, como a pesquisa está voltada para o estudo dos nomes próprios de Entidades espirituais, especificamente dos Orixás, ela se localiza no campo da Onomástica mas especificamente na subárea Teonímia, que se dedica aos estudos dos nomes de deuses e seres sobrenaturais (SOUSA, 2022a). A partir disso, sabendo que os nomes próprios, em geral, registram e perpetuam crenças e valores de grupos sociais, cabe mencionar que “[...] estudar nomes próprios, é classificá-los segundo as fontes de que provêm, e explicar, quando possível, a origem de cada um” (LEITE DE VASCONCELOS *apud* PEREIRA, 2018, p. 173).

Sousa (2022a) observou que, por se tratar de pessoas que compreendem o mundo por uma perspectiva completamente visual, os surdos buscam, na maioria das vezes, estabelecer uma relação icônica com o que busca nomear. A criação de um item lexical de modo geral, por exemplo, implica em associar a forma de um elemento linguístico (o sinal) ao que ele representa, (a ideia). Ao atribuir um sinal-nome a uma pessoa, geralmente é considerado algum aspecto físico, social ou comportamental, e pode ter também influência das línguas orais. Ao nomear espaços geográficos, por sua vez, são consideradas características próprias do ambiente ou alguma característica cultural do lugar em questão.

### 2.2.1 Onomástica em línguas de sinais

Os estudos onomásticos em línguas de sinais têm despertado o interesse de muitos pesquisadores da área. Na Universidade Federal do Acre (UFAC), acadêmicos do curso de Letras Libras realizaram investigações sobre as diversas áreas da onomástica em línguas de sinais buscando identificar e descrever as motivações semânticas e as estruturas dos sinais onomásticos em diferentes áreas (antroponímia, toponímia ou panteonímia).

Carmo (2021), por exemplo, se dedicou aos estudos toponímicos sobre os sinais que nomeiam os espaços urbanos na capital de Rio Branco - Acre como parques, praças e espaços de lazer. O pesquisador analisou doze sinais e os classificou quanto às suas taxionomias, às suas formações morfológicas, quanto aos aspectos motivacionais que influenciaram na nomeação desses espaços, assim como analisou ainda os aspectos relacionados à iconicidade na formação dos sinais selecionados. Com seu estudo, o autor obteve os seguintes resultados: dos dados coletados, quanto às formações morfológicas, o maior percentual foi de formações

compostas híbridas, com 41,6%; enquanto as formações simples híbridas apontaram 33,3%. Com relação às taxionomias, os quantitativos mais expressivos foram: 42% de ergotopônimos, 17% de fitotopônimos e 17% de acronimotopônimos. O estudo mostrou ainda o aspecto da iconicidade claramente perceptível nos doze sinais analisados.

Já Menezes (2021) se debruçou sobre os estudos antroponímicos em Libras, e analisou os sinais-nomes atribuídos aos ouvintes do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre. A pesquisadora teve como objetivo, analisar os sinais que nomeiam as pessoas com relação ao aspecto motivacional desses sinais e caracterizar esses sinais de acordo com as taxionomias antroponímicas, como mostra em seu trabalho. Segundo a autora, são diversos os aspectos que podem influenciar na nomeação de pessoas, sendo alguns deles: Aspecto Físico (AF), Aspecto Comportamental (AC) e Empréstimo da Língua Oral (ELO). Neste estudo, a autora considerou também a iconicidade, que como dito, pode influenciar diretamente ao atribuir um nome a alguém, ou alguma coisa. Com esse trabalho, em uma escala percentual, a autora percebeu que dos 20 sinais coletados, 55% são motivados pelo AF; em seguida, 35% pelo ELO+AF; 5% pelos AF+AC e 5% pelo AC+AF.

Paiva (2022), por sua vez, descreveu os sinais toponímicos em Libras que nomeiam as escolas de Rio Branco - Acre. A autora analisou 20 sinais que nomeiam as escolas públicas quanto à estrutura fonomorfológica, quanto aos aspectos semântico-motivacionais e os possíveis referentes que influenciaram os surdos no ato de criação desses sinais. Com esse estudo, Paiva (2022) explica que dos 20 sinais analisados: a) quanto a estrutura morfológica, 17 são do tipo simples híbrido e 2 sinais do tipo simples; b) quanto aos aspectos semântico-motivacionais, os sinais apresentam forte influência da língua portuguesa já que as configurações relacionadas às letras das palavras correspondentes à língua oral estão presentes em 18 dos 20 sinais analisados.

Nessa linha de pesquisa sobre a Onomástica em língua de sinais, Souza (2022) analisou os sinais-nomes dos jogadores de futebol do time masculino da Seleção Brasileira, que participaram da Copa do Mundo de 2022, quanto à estrutura formal dos sinais e quanto aos aspectos semântico-motivacionais, se identificando com estudos antroponímicos. Na mesma linha de raciocínio dos trabalhos mencionados, o pesquisador se dedicou em descrever as estruturas fonológicas e semânticas dos sinais selecionados. Portanto, dos 22 sinais analisados, o estudo

mostrou que, formalmente, a maioria dos sinais apresentaram variação quanto à estrutura fonético-fonológica, e apenas o sinal-nome GABIGOL não apresentou variação. Morfologicamente, todos os sinais foram classificados como simples, exceto os sinais-nome THIAGO SILVA e RODRIGO CAIO que se caracterizam em sua estrutura morfológica como do tipo simples híbrido. Quanto à classificação semântico-motivacional, 46% dos sinais foram motivados pelo Aspecto Comportamental; 39% pelo Aspecto Físico; e 11% pelo Aspecto Físico + Empréstimo da Língua Oral.

Como dito, os acadêmicos do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre têm se dedicado aos estudos Onomásticos, e cada um tem contribuído significativamente para que outros pesquisadores se debruçam sobre as mais diversas áreas. Portanto, para finalizar essa seção e ressaltar a importância de ter surdos inseridos em pesquisas que envolvem sua língua, convém mencionar outra autora que se interessou pela Ononímia – área da Panteonímia que tem como objeto de estudo os nomes dos animais.

Teixeira (2022) foi a primeira aluna surda a produzir o trabalho de conclusão de curso em vídeo-libras na UFAC, abrindo assim, a oportunidade para que outros surdos possam seguir essa modalidade de apresentação. Teixeira (2022) coletou os sinais próprios de animais de estimação de surdos, com o intuito de verificar a existência de uma nomeação própria para os bichos domésticos. Seu trabalho está disponível no site oficial da Ufac, na página do curso de Licenciatura em Letras Libras, onde também constam os trabalhos de conclusão de curso dos demais acadêmicos.

### 2.2.2 Onomástica e interdisciplinaridade

Sousa e Dargel (2017, p. 6) acreditam que para investigar o campo onomástico precisamos considerar também que esse ramo da linguística e a interdisciplinaridade caminham juntos.

A Onomástica, área do saber inserida na Linguística, dependendo do viés do estudo realizado, recebe subsídios de outros ramos. Essa convergência de áreas faz com que a ciência dedicada à análise dos nomes próprios seja fundamentalmente interdisciplinar, apesar de ser, em princípio, parte da Linguística porque se parte da análise do nome, elemento da língua (ou item onomástico) para os outros condicionantes que o envolvem além dos aspectos relacionados à linguagem. (SOUSA; DARGEL, 2017, p. 6).

Nesse sentido, Fonseca (2018, p.11), citado por Sousa e Dargel (2017), apresenta a seguinte afirmação:

A onomástica se refere aos nomes, e estes não são realidades naturais, são realidades idealizadas por uma atividade mental dos homens. Os nomes se referem a realidades extralinguísticas, isto é, a seus referentes, que são entidades da natureza e da cultura.

A partir disso, pode-se dizer que se faz necessário utilizar conhecimentos de outras áreas de saber para compreender os signos que nomeiam as pessoas e/ou espaços. Para o ensino do léxico em Libras, por exemplo, é necessário associar os conhecimentos sobre a língua de sinais a outras áreas de conhecimento como a Biologia, a História, a Geografia, a Religião, a Psicologia, a Antropologia, o que evidencia a importância da pesquisa, do ensino e a interdisciplinaridade presente nessa relação de troca de conhecimentos entre as diversas áreas do saber.

Essa relação entre as diversas áreas de estudo estabelece o caráter interdisciplinar da Onomástica, que reflete, especialmente, nas características de uma comunidade quanto aos seus costumes e valores. As relações entre língua, cultura e sociedade, constituem o léxico e compreendem os aspectos que formam os signos linguísticos, seja em línguas orais ou em línguas de sinais, e estabelece essa ligação entre os diferentes campos do saber, refletindo na relação entre o homem e sua língua, que podemos entender também como um aspecto cultural. (SOUSA; DARGEL, 2017).

### 2.2.3 Onomástica e cultura

Definir o que é cultura implica considerar diversos fatores, visto que, são muitos os atributos que podem defini-la. Segundo Canedo (2009, p. 4), a concepção universal de cultura foi definida por Edward Burnett Tylor, que resumiu cultura a um conjunto de “conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábito adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

A Onomástica está ligada à cultura, um fato inegável. Assim como os falantes das línguas orais, os falantes ou 'sinalizantes' das línguas de sinais expressam sua cultura por meio do léxico, e se a onomástica estuda os nomes próprios, e os surdos também possuem essa característica de nomear as coisas, podemos dizer então que

o léxico e os signos das línguas de sinais são objetos de estudo da onomástica em Libras.

Nesse sentido, Sousa e Dargel (2017, p. 7) apontam que a língua e cultura estão totalmente inter-relacionadas, e que “estudar a língua de uma sociedade é adentrar ao mundo cultural e social das pessoas que dela fazem parte desde gerações anteriores possíveis de serem resgatadas pela memória humana, histórica e linguística”.

Ao tratar dos sinais-nomes de pessoas nas línguas de sinais, Sousa (2022a) cita Supalla (1992), que observa o ato de nomear como algo presente em todas as culturas, e para que ocorra o processo de socialização entre os indivíduos, ter um nome é essencial.

É importante considerar o fato de que em cada cultura pode haver um sistema diferenciado para formar e usar nomes próprios. Nomear as coisas em línguas de sinais têm como motivação a concepção visual dos surdos, assim como as relações estabelecidas, cognitivamente, entre o referente e os sinais atribuído por esses indivíduos.

Biderman (1998, p. 81-82) afirma que “o nome não é arbitrário, pois existe um vínculo de essência entre o nome e a coisa ou objeto que ele designa, ou seja, não podemos separar a palavra do referente que ela nomeia”. Ao fazer um breve percurso histórico sobre o ato de nomear desde a época dos primórdios, a autora destaca alguns povos e suas considerações a respeito disso. Os antigos egípcios, por exemplo, acreditavam que ao revelar o próprio nome dava-se poder a outras pessoas que pudessem lhes fazer algum mal, portanto eles possuíam dois nomes, um nome de batismo que era guardado em segredo e um nome popular.

Ao que diz respeito às culturas de origens africanas, tomamos então o que a autora traz sobre a cultura *iorubá* e o ato de nomear pessoas:

Na cultura iorubá, a nomeação de uma criança recém-nascida é um ritual, uma festividade celebrada em comunidade por parentes, amigos, vizinhos, conhecidos. A cerimônia de nomeação constitui uma iniciação simbólica do bebê na sociedade e na vida. Através dessa cerimônia, a criança é introduzida no sistema de valores da sociedade yoruba. O nome que é atribuído à criança evidencia claramente que ela é vista como um reflexo da ordem social, pois são os eventos, valores, e crenças da sua família ou comunidade que fornecem as regras para a criação do nome do bebê. Ora, o nome para o yoruba se identifica com a essência da pessoa (BIDERMAN, 1998, p. 113-114).

No caso da comunidade surda, o sinal-nome é essencial para que as pessoas surdas socializem entre si. Os estudos a respeito dos nomes próprios mostram uma certa influência de aspectos extralinguísticos na constituição conceitual do sinal-nome de pessoas em línguas de sinais como características físicas, comportamentais, além da forte influência das línguas orais, como citado nos estudos de Menezes (2021). No entanto, Carmo (2021) apontou outras características que motivam a criação dos sinais-nome de lugares, que geralmente possuem características próprias do lugar nomeado ou alguma relação antropocultural.

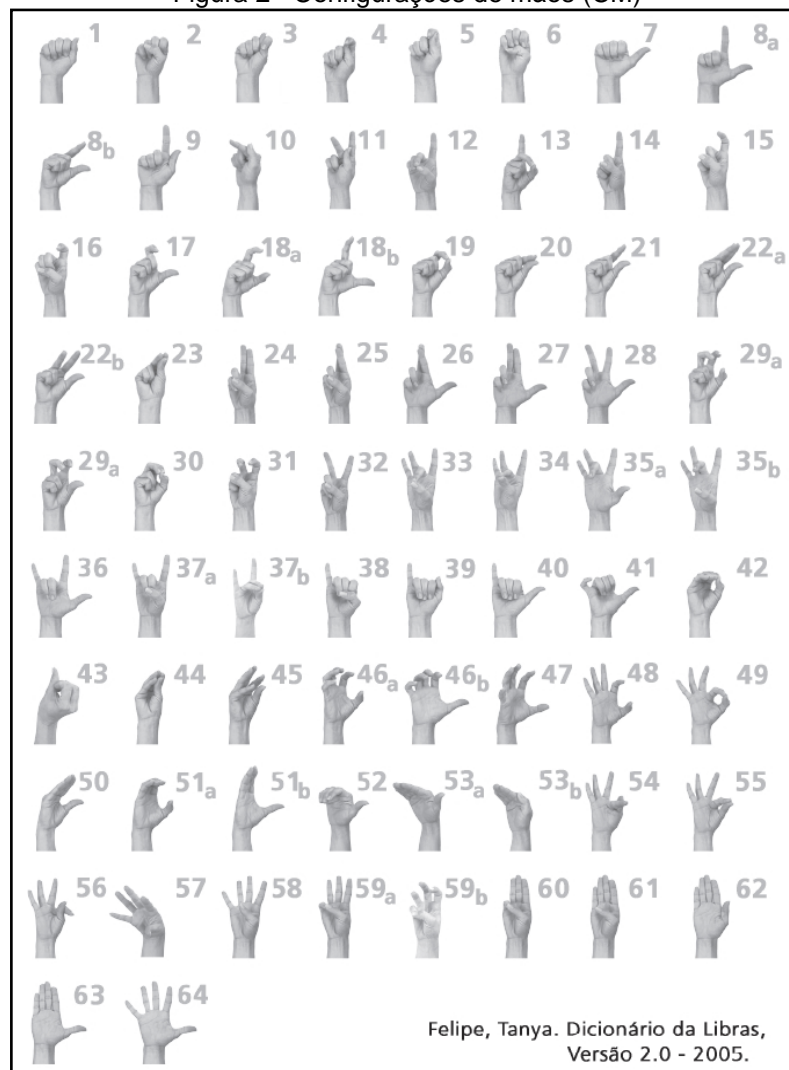
Para que seja realizado uma investigação a respeito dos sinais teonímicos, buscamos realizar esse estudo também por um viés antropológico, buscando identificar e compreender a relação entre os sinais dos orixás em Libras não somente com a imagem que representa os Orixás apresentadas, mas também com as características destes referentes, considerando a motivação destes sinais a partir da percepção dos surdos e o que os Orixás representam para a comunidade surda. Para isso, é importante fazer um breve resumo sobre o Candomblé, sobre como ele se estabeleceu no Brasil, como seu léxico se constituiu.

### **2.3 Estruturas e iconicidade dos sinais onomásticos**

Formalmente, as unidades fonológicas das línguas de sinais são constituídas a partir de cinco parâmetros que quando combinados formam o item lexical, sendo eles: Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA), Movimento (M), Orientação (O) e Expressões não Manuais (EnM).

A partir da Figura 2, é possível observar que existem pelo menos 64 configurações de mãos, podendo haver até mais do que isso, que será utilizada para identificar as configurações de mãos (CM).

Figura 2 - Configurações de mãos (CM)



Fonte: Felipe e Monteiro (2007, p. 21).

Segundo Quadros e Karnopp (2004), embora haja movimentos do corpo ou expressões faciais que desempenham funções essenciais, as línguas de sinais têm as mãos como principais articuladores. Dito isso, cabe mencionar que, durante a execução dos sinais e a análise, a mão dominante (direita) da autora será considerada como mão ativa, enquanto a mão passiva será a mão esquerda.

Quanto à descrição fonológica, serão considerados ainda os seguintes dados propostos por Quadros e Karnopp (2004): a) ponto de locação ou articulação (PA): parâmetro que indica onde os sinais são produzidos, podendo ser realizados em espaço neutro ou em lugares específicos do corpo como a face, cabeça, tronco, ombro, braço etc.; b) movimento (M): este parâmetro pode apresentar movimentos do tipo alternado, circular, semicircular, retilíneo, de toque, de esfregar; quanto à direcionalidade podemos dizer se é para cima, para baixo, para o centro, para fora,



etc.; quanto à maneira, se é contínuo ou refreado; quanto à frequência, se é simples ou repetido; c) a orientação da palma da mão (O): indica se as palmas das mãos estão direcionadas para frente, para trás, para o lado esquerdo ou direito, para cima, para baixo etc.;

Para a classificação morfológica, tomamos como base a perspectiva de Sousa (2022b) que classifica os sinais em Libras em quatro tipos de formação, sendo elas: a) simples – quando o sinal apresenta um único formante<sup>1</sup> em língua nativa (ou seja, em Libras); b) simples híbrido – quando o sinal apresenta um formante em língua nativa com incorporação de um elemento morfológico influenciado pela língua oral; c) composto – quando o sinal apresenta mais de um formante (todos de língua nativa); d) composto híbrido – quando o sinal apresenta mais de um formante, mas pelo menos um deles incorpore elementos morfológicos influenciados pela língua oral.

A iconicidade, que também foi considerada neste estudo, de acordo com Trask (2004, p. 141) é “a relação direta entre a forma de uma palavra e seu significado”. Quadros (2019, p. 115-116) afirma diz que “a iconicidade pode motivar a formação de vários sinais” especialmente no nível fonológico e na construção do léxico em Libras. Nesse caso, é interessante levantar a seguinte questão: Como se trata de entidades sobrenaturais, como a iconicidade seria presente nestes sinais? Como apresentar uma referência de algo que não habita o mundo físico?

Para responder essa questão, Constâncio; Bidarra e Martins (2022, p. 9) afirmam que, em línguas de sinais, a capacidade de estabelecer uma relação icônica depende também do contexto cultural dos usuários dessas línguas, pois, “a construção de significados se dá a partir das interações, sendo maleáveis e moldadas a partir de uma construção mental, que se processa estabelecendo uma relação entre conhecimento e linguagem”.

Portanto, para que possamos entender a relação dos sinais com os seus referentes, serão trazidas na seção seguinte algumas características dos orixás, envolvendo aspectos culturais, de forma que seja possível analisar se há uma referência icônica ou não nos dados coletados. Será percebido durante a exposição das características dos Orixás, alguns termos em *itálico*, isso porque, são termos africanos retirados de um dicionário produzido por Castro (2001) em seu estudo sobre os falares africanos no Brasil.

---

<sup>1</sup> O formante é uma forma livre de vocábulo, como descrito por Câmara Jr. (1970).

## 2.4 As religiões de matrizes africanas

De acordo com Sousa (2007), durante o período da escravidão, que durou mais de três séculos, milhares de africanos foram trazidos ao Brasil para que eles exercessem mão de obra escrava nos engenhos de açúcar, nas plantações de cacau e nas lavouras de café. Esses indivíduos passaram a conviver uns com outros, e, apesar de serem nativos de um mesmo continente, falavam várias línguas e não compartilhavam dos mesmos costumes, tampouco adoravam os mesmos deuses.

A partir dessa miscigenação, uma nova cultura se formou dentro das senzalas. O que resultou dessa nova cultura foi uma religião conhecida por sua alegria, suas cores, suas danças e sua magia. Essa religião ganhou vários nomes, em Alagoas e Pernambuco, por exemplo, ficou conhecida como Xangô. No Maranhão foi nomeada como Tambor de Mina. No Rio Grande do Sul ficou conhecida por Batuque, e na Bahia por Candomblé (SOUSA, 2007).

Castro (2001, p. 80) aponta que cada uma das religiões afro-brasileiras é “um tipo de organização sócio-religiosa baseada em padrões comuns de tradição africanas, em um sistema de crenças, modo de adoração e língua”, isso porque, segundo a autora, os costumes dessas religiões são associados de acordo com as nações que influenciaram predominantemente na linguagem religiosa dos candomblés. Assim, a língua-de-santo, ou seja, a linguagem religiosa dos candomblés é considerada um sistema lexical de base africana que está relacionado ao contexto religioso onde ocorrem os rituais, sofrendo diversas modificações por influência da língua portuguesa do Brasil.

Esse repertório, chamado língua-de-santo na Bahia, compreende sistemas lexicais de antigos falares africanos no Brasil, vindo a constituir uma língua de aspecto sagrado, mas não declaradamente de natureza sobrenatural. [...] Desta maneira, canta-se para *vodum* em jeje-mina, para o *orixá* em nagô-queto, para o *inquice* em congo-angola. (CASTRO, 2001, p. 82).

O discurso religioso do candomblé é parte fundamental no processo de iniciação dos adeptos, já que os conhecimentos a respeito dessa religião são repassados oralmente de acordo com um processo iniciático e participativo. Nesse processo de iniciação, o *iaô* – nome genérico atribuído aos noviços, independe do gênero – fica isolado de três a sete semanas, sozinho ou em grupos, proibido de falar com quem quer que seja e até mesmo uns com os outros sem a permissão do pai ou

mãe de santo. Durante esse período, os *iaôs* passam por alguns rituais, incluindo banhos e raspagem de cabeça, enquanto adquirem um extenso e complexo código de símbolos e gestos, que são associados à um repertório linguístico específico da religião, utilizados nas cerimônias sagradas de cada terreiro (CASTRO, 2001).

Existem inúmeros termos específicos das religiões afro-brasileiras, e cada um possui um significado. Em sua obra, Castro nos apresenta uma espécie de dicionário contendo o vocabulário das religiões africanas e afro-brasileiras. É possível perceber nesse dicionário alguns termos que fazem parte do nosso cotidiano, mostrando uma forte influência dos povos africanos em nossa língua – o português brasileiro.

De acordo com Oliveira (2019), para tratar dos componentes linguísticos encontrados em terreiros de candomblé, é necessário, sobretudo, caracterizar esses espaços como um lugar de fala, que possui características diferentes de outros ambientes linguísticos. O autor ressalta que a palavra proferida pela *ialorixá* (mãe-de-santo) ou pelo *babalorixá* (pai-de-santo) é considerada portadora de *axé* – força divina que sustenta os terreiros de candomblé. É através da palavra que os sacerdotes e as sacerdotisas se tornam mediadores entre os homens e o divino. Assim, no início da convivência com os adeptos, mesmo que ainda não tenha passado pelo processo iniciático, é possível perceber o poder da palavra.

Os adeptos do Candomblé, passados pelo processo de iniciação, conhecidos como filhos-de-santo, se reúnem para festejar e entrar em contato com essas entidades por meio de um ritual regido pelo som dos tambores, onde recebem as entidades, entram em um estado de transe, se caracterizam, se comportam e dançam de acordo com as características de cada Orixá.

Durante o ritual, quando os adeptos dançam e se comportam tal qual as características dos Orixás, acredita-se que os Orixás se apropriaram do corpo dos filhos-de-santo e estão “em terra”. Cada Orixá possui saudações e características próprias, como as cores das vestimentas, a forma de dançar, os gestos, a feição e os acessórios utilizados. Para Vidigal e Teixeira (2014, p. 12):

Cada gesto realizado pelo filho-de-santo, cada peça de roupa, cada colar, cada canto diz algo sobre um determinado orixá. Para os adeptos do Candomblé, cada mortal possui uma divindade que lhe protege e que lhe transfere algumas características de personalidade. É “um orixá por cabeça”, como se costuma dizer nos terreiros (raras pessoas têm mais de um).

Os adeptos do Candomblé acreditam que os Orixás influenciam nas personalidades dos filhos-de-santo. Os filhos de Xangô, o deus do fogo, são conhecidos como pessoas agitadas. Os filhos de Oxalá, deus conhecido como criador dos homens, costumam ser calmos.

Além do Candomblé, outra religião afro-brasileira surgiu aqui no Brasil na década de 20, mais precisamente, no Rio de Janeiro – a Umbanda, que se caracteriza muito mais brasileira que africana, pois une elementos do espiritismo e do catolicismo. De acordo com Sousa (2007), nas tendas, local sagrado onde ocorrem os encontros religiosos da Umbanda, os médiuns recebem espíritos que podem ser de índios, caboclos, ciganos e pretos-velhos. Essas Entidades, em linhas de vibração distintas, consagram a um Orixá.

Ainda que tenha características diferentes do Candomblé, a Umbanda contribui significativamente para que a mitologia africana seja preservada e divulgada até os dias de hoje.

Importante abordar neste momento, como um ato de resistência, um fato a respeito das religiões afro-brasileiras: a intolerância religiosa.

Os ataques às religiões africanas ocorrem diariamente por parte de pastores e membros de igrejas que, sem o mínimo respeito, muitas vezes, se referem de forma pejorativa aos adeptos do Candomblé como macumbeiros, chamam os Orixás de demônios, e até proferem palavras exorcistas se referindo às entidades, que segundo eles, são maus espíritos.

Esse discurso preconceituoso que coloca o Candomblé como algo do mal, que aponta os Orixás como demônios, e os seus seguidores como macumbeiros, é nada mais que o reflexo racista e ignorante por parte de pessoas que não conhecem a história do próprio país, que não sabem conviver com as diferenças, tampouco respeitá-las.

Dessa forma, ressaltamos a importância de combater esse discurso preconceituoso por meio do diálogo, de estudos científicos como este e outros que abordam a história dos povos africanos, para que não somente os candomblecistas, mas todas as religiões, possam manifestar sua cultura e sua fé, isentos de preconceito e discriminação.

Diante do que foi discutido, propõe-se imaginar como os costumes do Candomblé, as características dos Orixás e a religião, de forma geral, é vista pelas comunidades surdas que frequentam os terreiros de candomblé.

Como os surdos têm uma perspectiva totalmente visual do mundo, cabe refletir sobre como os surdos entendem essas religiões e as informações a respeito do que cada entidade religiosa representa. Assim, ao analisar os sinais dos Orixás em Libras, devemos considerar o ato de nomear a partir da percepção dos surdos, que podem ser motivados por diversos fatores, como já expostos.

### 3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, trataremos sobre os aspectos metodológicos da pesquisa: caracterização geral, detalhamento do corpus e procedimentos de análise.

#### 3.1 Caracterização geral da pesquisa

Como citado, esta pesquisa tem por objetivo analisar os sinais teonímicos que nomeiam os Orixás do Candomblé com base nas características estruturais (fonológicas e morfológicas) e icônicas dos sinais selecionados.

Para Gil (2008), a pesquisa aplicada tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos, que também se caracteriza como aplicada por contribuir na ampliação do conhecimento científico, e sugerir novas questões a serem investigadas. Portanto, o presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza aplicada, pois, a partir da análise dos sinais teonímicos, utilizamos teorias já existentes e consolidadas do campo onomástico e contribuimos para os estudos na referida área de conhecimento aplicada às línguas de sinais.

Esta pesquisa se caracteriza também como descritiva, pois, de acordo com Gil (2008), um estudo descritivo se interessa pela descrição das características de uma determinada população ou fenômeno.

O autor explica que uma pesquisa de abordagem qualitativa tem como objetivo a investigação de aspectos reais e buscam entender e explicar o porquê das coisas. Esses aspectos não são quantificados na pesquisa qualitativa, pois, esse método de estudo tem por objetivo analisar e identificar dados de uma determinada questão para obter resultados que sejam refletidos e analisados com base no objeto de pesquisa. Nesse sentido, nosso estudo se identifica com essa abordagem, pois, buscamos analisar e identificar a iconicidade presente nos sinais teonímicos com a finalidade de compreender a relação entre os sinais e as características dos Orixás.

De acordo com Gil (2008), a pesquisa documental se assemelha com pesquisa bibliográfica, pois trilham os mesmos caminhos, porém, a diferença entre ambas está na natureza das fontes. Normalmente, a pesquisa bibliográfica utiliza fontes como livros ou artigos científicos, já a pesquisa documental se apropria de materiais que não receberam ainda uma análise aprofundada, ou seja, reportagens

de jornal, cartas, contratos, filmes, fotografias, gravações etc. Sendo assim, esta pesquisa caracteriza-se também como documental, pois os dados foram retirados de um vídeo disponível em um canal do YouTube, posteriormente gravados e armazenados para a presente análise.

### **3.2 O corpus**

Os sinais foram selecionados no canal do YouTube intitulado “Axé Libras” que disponibiliza diferentes vídeos com sinais no contexto do Candomblé e das culturas afro-brasileiras e africanas. O canal do YouTube é administrado pelo professor Wermerson Silva, que também administra a conta do Instagram @axelibras. Atualmente, o Prof. Dr. Wermerson Silva atua como docente na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e, frequentemente, levanta discussões e rodas de conversas que abordam diversas pautas sobre a cultura de matrizes africanas e sobre a educação de surdos.

No vídeo escolhido para a obtenção dos dados, constam mais de 15 sinais do Orixás. No entanto, para a seleção dos sinais de nosso estudo, foi realizada uma breve pesquisa sobre os Orixás mais conhecidos do Candomblé, o que resultou na escolha dos seguintes sinais: EXÚ, IANSÃ, IEMANJÁ, NANÃ, OGUM, OMOLU, OXALÁ, OXÓSSI, OXUM e XANGÔ.

Como se trata de um vídeo disponível em uma conta particular, os sinais selecionados foram gravados e armazenados em um canal no YouTube que foi criado exclusivamente para os devidos fins: armazenamento dos dados desta pesquisa.

As gravações ocorreram em uma sala de aula da UFAC, nas dependências do Bloco Edilberto Parigot, onde fica localizado o Núcleo de Apoio à Inclusão. Após as gravações, os vídeos foram analisados e só então foram editados para que pudesse ser feito as imagens dos sinais.

Interessante informar que, para ter acesso aos vídeos individuais dos sinais dos Orixás, basta acessar o QR Code que consta nas figuras de análise.

### **3.3 Procedimentos de análise**

Para a análise do *corpus*, quanto à descrição fonológica dos sinais, tomamos como base as configurações de mãos (CM) propostas por Felipe (2007). Quanto à

estrutura dos sinais em Libras, será considerado o que aponta Quadros e Karnopp (2004), sobre os demais parâmetros fonológicos.

As imagens que representam os Orixás, nas quais as pessoas estão caracterizadas de acordo com a simbologia e como eles se vestem nos terreiros quanto às cores, vestimentas e artefatos são de Vidigal e Teixeira (2014). Os autores também apontam características e lendas a respeito dos Orixás, o que nos permitiu conhecer, um pouco, sobre eles e o que eles representam para o povo de santo.

Quanto ao tipo morfológico dos sinais, tomamos os estudos de Sousa (2022b) como norteadores para essa classificação.

As imagens dos sinais em Libras foram elaboradas pela autora deste trabalho, de acordo com a fonte de onde foi coletado os dados. Cada sinal foi analisado e descrito, individualmente, quanto à sua estrutura fonológica, seu tipo morfológico e a possível relação icônica entre seus referentes.



## 4 ANÁLISE DOS DADOS

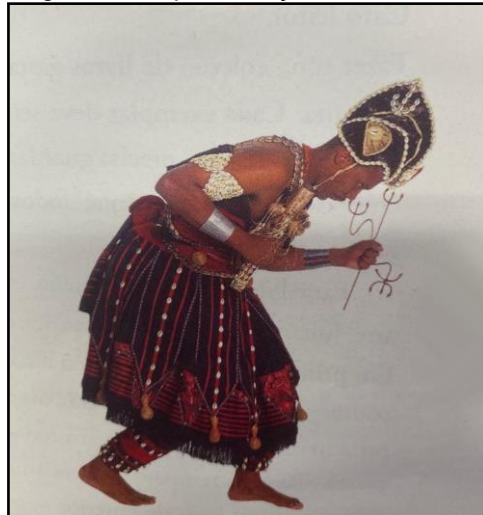
Nesta seção, serão apresentadas as análises dos sinais dos Orixás em Libras. A análise e a descrição dos sinais ocorreram de forma individual, sequencial e respectiva. Assim, nesta seção serão trazidas as principais características dos Orixás, segundo Castro (2001), Sousa (2007) e Vidigal e Teixeira (2014) e a análise dos sinais.

### 4.1 Sinal EXU

Exu é o Orixá mensageiro entre os mortais e os deuses. Conhecido por sua personalidade forte, é muito respeitado pelos adeptos do Candomblé. Tem fama de ser rápido, artiloso e até violento e vingativo (SOUSA, 2007). Exu é considerado o Orixá da comunicação, guardião das aldeias, das cidades e das residências, acredita-se que não se pode fazer uma oferenda a outra entidade sem antes agradá-lo (VIDIGAL; TEIXEIRA, 2014).

A imagem abaixo remete às características de Exu.

Figura 3 - Representação do Orixá Exu



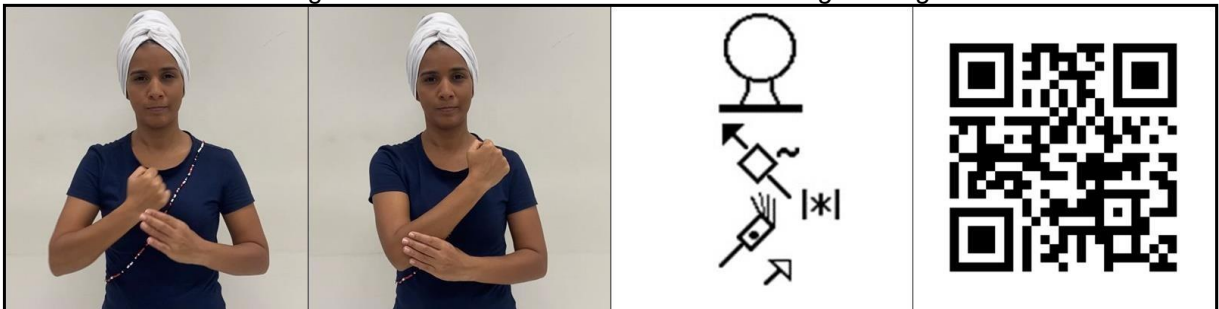
Fonte: Vidigal e Teixeira (2014, p. 6)

As cores relacionadas a Exu são o vermelho e o preto. Algumas de suas comidas e bebidas preferidas são farofa de dendê, pipoca, feijão preto, mel e cachaça, além de algumas iguarias com nomes específicos de origens africanas, como é o caso do axoxô – feito com dendê, feijão fradinho cozido e servido com carne seca desfiada.

A saudação que os adeptos utilizam para recepcionar o Orixá em terra é a expressão “*Laroyê-Exu*”. O Orixá tem como principais símbolos o tridente, a lança de ferro e o *Ogó* – uma espécie de cajado ou bengala de madeira com uma estrutura fálica, que possui grande poder. Em alguns rituais Exu é chamado de *Bongbogirá*. Em outras religiões, Exu é associado à Santo Antônio. (CASTRO, 2001)

A seguir, a sinalização em Libras do sinal, a Escrita do Sinal em *SignWriting*, e o *QR code* que dá acesso ao sinal no Youtube.

Figura 4 - Sinal EXU e Escrita do Sinal em *SignWriting*



Fonte: Elaborado pela autora

O sinal de Exu é realizado em espaço neutro, com a mão ativa em configuração de mão nº 2 e a mão passiva nº 51b. O sinal possui movimento retilíneo no sentido diagonal para cima. A mão ativa, representando o *Ogó* (artefato utilizado por Exu) passa pela mão passiva e o sinal se concretiza com a mão passiva segurando o antebraço da mão ativa.

De acordo os estudos de Sousa (2022b), o sinal EXU se classifica morfológicamente do tipo simples: formado por um único formante na língua nativa.

A iconicidade, que na maioria das vezes implica na motivação semântica, pode ser percebida por meio da representação de segurar ou empunhar o *Ogó*, que é um dos símbolos do Orixá.

## 4.2 Sinal IANSÃ

Orixá da tempestade, dos ventos e da sensualidade, *Iansã* simboliza as pessoas guerreiras e destemidas. As lendas que contam a história de *Iansã* relatam que ela assumia a forma de um búfalo, e nessas horas ninguém ousava enfrentá-la. Conhecida também com a mãe dos raios e dos trovões, as lendas contam que a

sedução e a força de vontade eram características muito fortes da Orixá (SOUSA, 2007). A representação da figura 5 remete à Orixá, conforme Vidigal e Teixeira (2014).

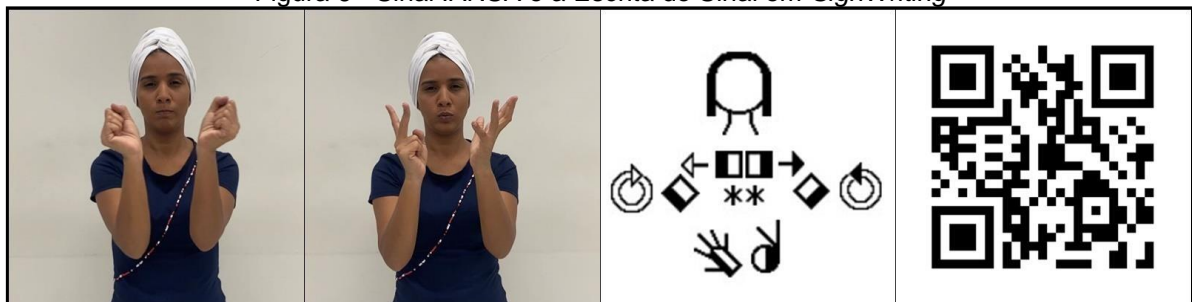
Figura 5 - Representação da Orixá Iansã



Fonte: Vidigal e Teixeira (2014, p. 8).

As cores que representam Iansã são o vermelho e o rosa. Suas comidas favoritas são acarajé, camarão, inhame, feijão fradinho, azeite de dendê e mel. Os nomes das iguarias culinárias africanas prediletas de Iansã são: o *amalá*, o *anuã* e o *ecuru*. Os símbolos que representam Iansã são a *alfange* (uma espécie de espada pequena), o chifre de búfalo (que geralmente fica suspenso na altura da cintura) e um raio ou um leque com penas, cujo a Orixá segura nas mãos. Quando é recebida nos terreiros, os adeptos saúdam Iansã com a seguinte expressão: *Eparrey Oyá*. Em outras religiões é associada a Santa Bárbara (CASTRO, 2001).

Figura 6 - Sinal IANSÃ e a Escrita do Sinal em SignWriting



Fonte: Elaborado pela autora

O sinal de Iansã é reproduzido em espaço neutro, frente ao corpo. Inicialmente, com as palmas das mãos posicionadas uma para a outra, as duas mãos

assumem a configuração de mãos nº 2 e os pulsos se tocam duas vezes em um movimento retilíneo. Em seguida, as mãos assumem formas diferentes: a mão ativa assume a configuração de mão nº 32, enquanto a mão passiva assume a configuração de mão nº 64. Quanto ao movimento, nesse segundo momento, é do tipo circular.

Com base nos estudos de Sousa (2022b), morfologicamente, o sinal pode ser classificado como composto, pois, é constituído por dois formantes da língua natural.

A motivação semântica do sinal IANSÃ tem relação com o que a Orixá simboliza, já que ela é a rainha dos ventos e das tempestades. Podemos perceber isso nas configurações de mãos que assumem a mesma forma nos sinais VENTO e TEMPESTADE. Assim, é possível identificar uma relação icônica entre o sinal e o seu referente por meio de aspectos culturais associados à Iansã.

### 4.3 Sinal IEMANJÁ

Orixá muito discreta e relacionada à maternidade, Iemanjá é a mãe das águas salgadas, a regente absoluta dos lares e protetora da família. Segundo a cultura africana, é Iemanjá quem controla as marés, as espumas das águas salgadas e tem como missão proteger aqueles que tiram o seu sustento do mar. É ela quem dá o sentido do que é ser família, e assim, nos faz entender sobre o sentimento do amor e da união entre aqueles que moram sob um mesmo teto (SOUSA, 2007).

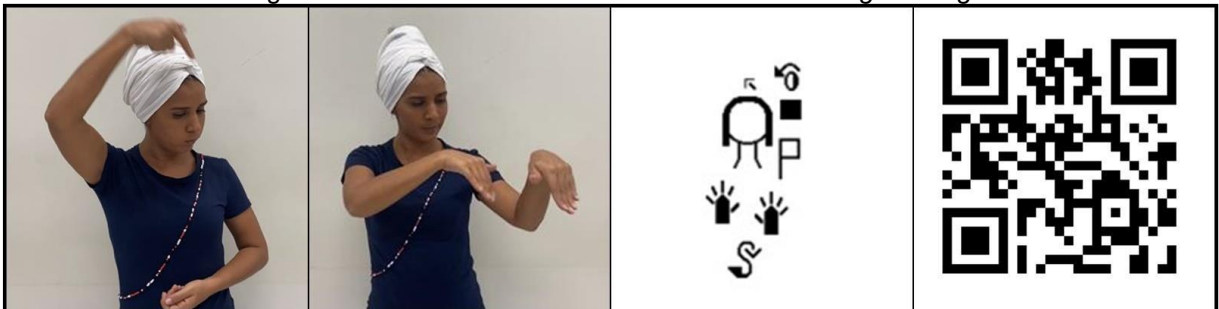
Figura 7 - Representação da Orixá Iemanjá



Fonte: Vidigal e Teixeira (2014, p. 7)

As cores que representam a Orixá são o branco e o azul claro, ou o verde claro e o rosa claro. Seus acessórios e símbolos são o *adê* (um tipo de coroa) acompanhado de franjas de miçangas e o *abebé* prateado. Ao preparar uma oferenda à Iemanjá, os adeptos servem as iguarias culinárias prediletas da Orixá, que são o *ado* e o *ebô* – pratos que levam como principal alimento o milho. A saudação proferida pelos adeptos para receber Iemanjá em terra é *Odoyá Iemanjá*. Em outras religiões é associada à Nossa Senhora da Conceição (CASTRO, 2001).

Figura 8 - Sinal IEMANJÁ e a Escrita do Sinal em *SignWriting*



Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com as configurações de mãos (CM) expostas por Felipe (2017) e os demais parâmetros apontados por Quadros e Karnopp (2004), o sinal acontece da seguinte forma: a mão dominante assume diferentes configurações desde o início do sinal, como podemos ver no vídeo. Inicialmente a mão ativa está fechada em CM nº 3, faz movimento semicircular ao lado do rosto, passando por cima da cabeça e depois assume a forma nº 9, reproduzindo um movimento retilíneo para baixo, com a palma da mão voltada para o rosto e por fim, ambas as mãos assumem a forma nº 62 em espaço neutro com um movimento sinuoso.

O sinal IEMANJÁ pode ser classificado como composto, pois, há mais de um formante da língua nativa, conforme aponta Sousa (2022b).

A motivação semântica do sinal IEMANJÁ pode ter relação de iconicidade tanto quanto nos aspectos físicos das representações de Iemanjá (acessórios e símbolos) quanto nas características culturais associadas à Orixá.

Quanto às características físicas, sabemos que Iemanjá utiliza uma coroa com franjas, o que pode explicar a mão que passa frente ao rosto. Quanto aos aspectos culturais, sabemos que ela é a rainha das águas, o que pode evidenciar as formas e movimentos que as mãos assumem ao final do sinal IEMANJÁ, pois, apresenta uma referência a água.

#### 4.4 Sinal NANÃ

Segundo Sousa (2007), Nanã é a Orixá do barro, deusa da lama e da água parada, foi uma das primeiras divindades a surgir no mundo. Nas lendas do candomblé, Nanã é a mais antiga entre as deusas das águas, ganhando assim o status de “avó” na escala hierárquica das divindades. A Orixá tem a missão de proteger os mortos e velar pelas novas vidas. Ao saudar Nanã, os adeptos utilizam a expressão: *Salubá, Nanã*.

Figura 9 - Representação da Orixá Nanã



Fonte: Vidigal e Teixeira (2014, p. 7)

As cores que simbolizam Nanã são o roxo, o lilás e o branco. Suas insígnias são o *adê* (a coroa), o *dilogó* (cetro com o cabo ornamentado de búzios) e o *ebile* (uma espécie de vassoura feita das nervuras de folhas da palmeira). As comidas preferidas da Orixá são canjica e mel de urucu. É associada a Santa Ana, mãe de Maria (CASTRO, 2001)

Figura 10 - Sinal NANÃ e a Escrita do Sinal em *SignWriting*



Fonte: Elaborado pela autora



O sinal NANÃ é reproduzido da seguinte forma: as mãos assumem a CM nº 2, e com os punhos fechados, o dorso de ambas as mãos, especificamente os dedos, se unem. Em seguida, em espaço neutro, com as mãos unidas, é executado um movimento retilíneo para a direita, onde os braços são levados para trás ao mesmo tempo que o corpo se debruça para a frente.

Quanto à sua classificação morfológica, de acordo com Sousa (2022b), o sinal NANÃ é do tipo simples, pois há um único formante em língua de sinais.

Nesse sinal, a motivação semântica pode relação com o jeito que os adeptos dançam durante os rituais nos terreiros, quando estão em estado de transe, ou seja, quando a Orixá está em terra.

#### 4.5 Sinal OGUM

O Orixá da guerra possui como características fortes a liderança e a determinação, mas também a impulsividade e a violência, devido às lendas contadas a seu respeito. No candomblé, Ogum é considerado uma das entidades mais antigas, o filho mais velho de Odudua. O Orixá também é tido como defensor dos pobres e dos injustiçados (SOUSA, 2007). Aqui no Brasil, os escravos cultuavam o grande guerreiro, pois para eles, Ogum representava esperança e liberdade. Foi ele quem permitiu e ensinou aos homens o poder do ferro, e a partir disso, os homens puderam construir suas ferramentas advindas deste metal, como lanças, machados, facões, espadas etc. para receber expressão o Orixá e utilizada a expressão *Ogunhê* (VIDIGAL; TEIXEIRA, 2014).

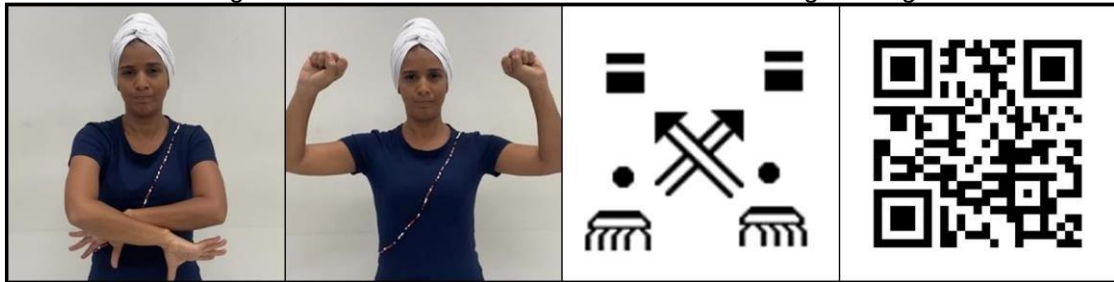
Figura 11 - Representação do Orixá Ogum



Fonte: Vidigal e Teixeira (2014, p. 9)

Segundo Castro (2001), as cores que representam Ogum são os tons de azuis escuros. Seus símbolos são o *guaiá* (uma espécie de chocalho), o *mariô* (artefato feito com franjas de dendezeiro desfiado) e a espada-de-Ogum, também conhecida como *gumbaça*. Feijoadá, inhame assado com azeite-de-dendê, e o *adalu* – iguaria feita de feijão fradinho e milho, são as comidas prediletas do Orixá. Em outras religiões Ogum é associado à São Jorge.

Figura 12 - Sinal OGUM e a Escrita do Sinal em *SignWriting*



Fonte: Elaborado pela autora

O sinal OGUM é realizado em espaço neutro, ou seja, frente ao corpo. As mãos, que inicialmente estão cruzadas e com as palmas das mãos para frente e assumem a CM nº 64, se descruzam assumindo a CM nº 2.

Quanto ao tipo morfológico, o sinal pode ser considerado do tipo simples, pois é formado por um único formante da língua natural (Sousa, 2022b).

Em relação a motivação semântica, podemos perceber que o sinal faz referência às insígnias de Ogum. Por ser considerado um grande guerreiro, como dito, acredita-se que a iconicidade presente neste sinal tem relação com o ato de empunhar as espadas, que também é uma característica do Orixá.

#### 4.6 Sinal OMOLU

Omolu é o Orixá da Terra, da vida e da morte, da cura e da doença. É considerado um Orixá jovem e forte que se manifesta em alguns rituais como um velho que mal pode caminhar. As lendas contam que Omolu contraiu varíola quando nasceu, tendo seu corpo deformado, por isso, seu rosto e seu corpo são envoltos de um manto feito de palha-da-costa, uma espécie de fibra extraída de uma planta conhecida como *igi-Ògoró* pelo povo africano, e aqui no Brasil como *jupati* ou *ráfia*.



Nos rituais, Omolu é requisitado para tratar de pessoas enfermas. O Orixá é chamado também de Obaluaê (VIDIGAL; TEIXEIRA, 2014)

Figura 13 - Representação do Orixá Omolu



Fonte: Vidigal e Teixeira (2014, p. 7)

As cores que representam Omolu são o vermelho e preto ou o preto e o branco. Suas comidas prediletas são carne de porco e iguarias como o *aberém* (bolo de milho branco moído com açúcar com consistência de purê, assado na folha de bananeira), o *andê* (feijão fradinho com dendê e consistência de purê), a *latipá* (iguaria feita das folhas de mostardeira, temperadas com cebola, sal, camarão e pimenta) e a flor-de-Omulu (pipoca consagrada à Omolu). Sua saudação é a expressão *Obaluaê!* Em outras religiões Omolu é associado a São Lázaro e a São Roque (CASTRO, 2001).

Figura 14 - Sinal OMOLU e a Escrita do Sinal em *SignWriting*



Fonte: Elaborado pela autora

O sinal OMOLU é reproduzido, com ambas as mãos em CM nº 1 e o ponto de locação inicial do sinal é na testa. Em seguida, com a palma das mãos para trás, com

um movimento retilíneo para baixo em espaço neutro, ambas as mãos assumem a CM nº 64. Os olhos e a cabeça também se movimentam e acompanham as mãos, que inicialmente estão voltados para frente e no fim, para baixo.

Quanto à sua classificação morfológica, de acordo com Sousa (2022b) pode ser considerado do tipo simples: constituído por um único formante da língua de sinais.

As imagens de Vidigal e Teixeira (2014) corroboram para que seja identificado o aspecto da iconicidade presente no sinal de Omolu, que pode ser associada à forma do Orixá se vestir.

#### 4.7 Sinal OXALÁ

Oxalá é o Orixá da paz, da serenidade e da sabedoria, considerado a divindade suprema da criação. Oxalá é considerado o criador de todos os Orixás. Os fiéis à Oxalá fazem oferendas pedindo equilíbrio emocional, tranquilidade, e sabedoria para tomada de decisões. O Orixá também é conhecido pelo nome *Orixalá*, *Oxaguiã* e *Oxalufã*. É associado a Jesus Cristo (VIDIGAL; TEIXEIRA, 2014).

Figura 15 - Representação do Orixá Oxalá

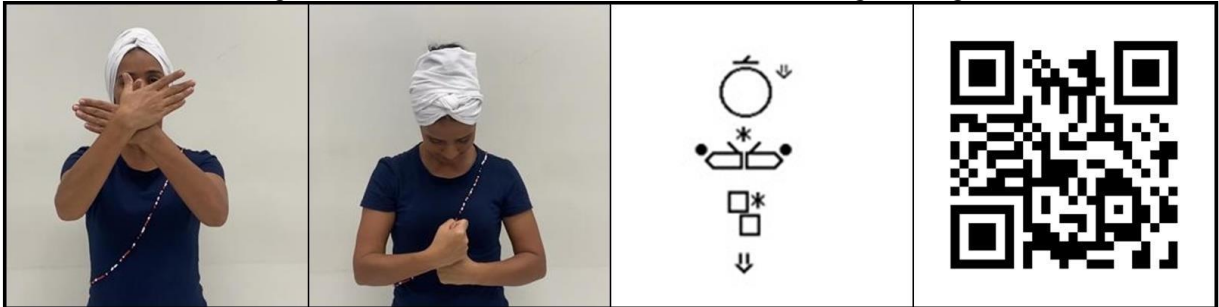


Fonte: Vidigal e Teixeira (2014, p. 6)

A cor que representa Oxalá é o branco. Suas comidas não levam dendê e nem sal, mas as suas prediletas são ovos, pinhas, maçãs e iguarias como o *ajabô* (quiabo cortado em pedaços pequenos e misturado com mel de abelha, ou pode feito com folhas de mandioca e azeite doce) e o *ebô* (prato feito com milho branco e azeite-

doce). Os símbolos de Oxalá são a pomba branca, que simboliza a paz, e o cajado prateado, o *paxorô*. Saudação à Oxalá: *epá-babá*. Oxalá é associado a Jesus Cristo em outras religiões (CASTRO, 2001).

Figura 16 - Sinal OXALÁ e a Escrita do Sinal em *SignWriting*



Fonte: Elaborado pela autora

O sinal OXALÁ é feito no espaço neutro, com as palmas das mãos direcionadas para o corpo. Inicialmente, ambas mãos assumem a CM nº 63 e os polegares se encostam como demonstra a imagem acima e em seguida, com um movimento retilíneo para baixo, as mãos assumem a CM nº 2 e se tocam, posicionadas uma em cima da outra. A cabeça também faz um movimento retilíneo para baixo.

Conforme aponta Souza (2022b), quanto ao tipo morfológico, o sinal é considerado do tipo composto, uma vez que é constituído por dois formantes da língua de sinais.

Quanto a motivação semântica deste sinal foi possível perceber duas coisas: em um primeiro momento, as mãos assumem uma forma que faz com que nós façamos essa associação à um pássaro, que pode representar a pomba branca de Oxalá. No segundo momento do sinal, as mãos assumem uma forma como se estivessem segurando o *paxorô*, que é o cajado de Oxalá. Enquanto isso, a cabeça é movimentada para baixo, como se estivesse fazendo reverência a algo. Em ambas as observações é possível identificar o aspecto da iconicidade.

#### 4.8 Sinal OXÓSSI

O Orixá da caça e rei das florestas, tem como características a alegria e a busca da fartura. Oxóssi é considerado o provedor do sustento para seu povo e foi em uma de suas caçadas, segundo as lendas, que Oxóssi virou um Orixá. Por ser o

caçador que provém o alimento de sua casa, ganhou a fama de diligente e responsável. O Orixá também é conhecido por possuir uma única flecha, pois, ele não erra seu alvo (SOUSA, 2007).

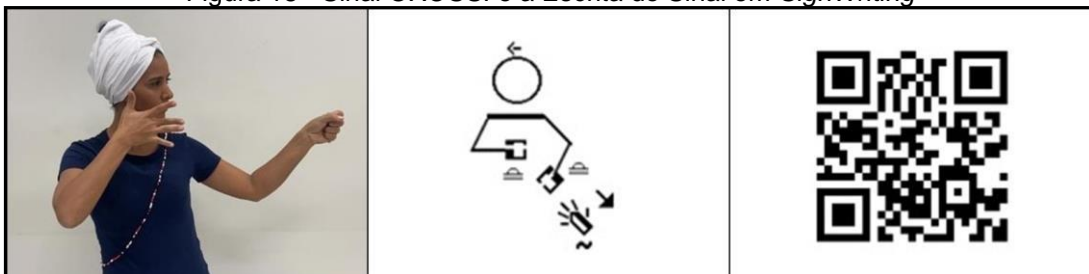
Figura 17 - Representação do Orixá Oxóssi



Fonte: Vidigal e Teixeira (2014, p. 9)

As cores que representam Oxóssi são o verde e o azul. A comida favorita do Orixá é o *axoxô*, uma iguaria culinária feita com dendê, feijão fradinho cozido, servido com carne seca desfiada. O Orixá tem como insígnia o arco e flecha, conhecido pelo povo africano como *damatá* e *ofá*. A saudação proferida pelos adeptos do Candomblé para receber Oxóssi é *Okê Arô*. Em outras religiões, Oxóssi, por sua vez, é associado a São Sebastião (CASTRO, 2001).

Figura 18 - Sinal OXÓSSI e a Escrita do Sinal em *SignWriting*



Fonte: Elaborado pela autora

O sinal OXÓSSI é reproduzido da seguinte forma: com o braço posicionado na altura do peito, com a palma da mão voltada para frente, a mão passiva assume a

CM nº 2, enquanto a mão dominante também assume, inicialmente, a CM nº 2 e faz um movimento circular na altura do rosto. Em seguida, a mão ativa vai soltando os dedos até assumir a CM nº 64 como exposto na figura acima.

Seu tipo morfológico é classificado como do tipo simples, portanto, constitui-se apenas por um único formante da língua natural (SOUSA, 2022b).

Em relação a motivação semântica, foi percebido que a iconidade está presente e possui relação com uma característica do Orixá: o arco e flecha.

#### 4.9 Sinal OXUM

Oxum é a Orixá dos rios, das cachoeiras e de todas as águas doce. Considerada a Orixá do esplendor, tem como principais características a beleza, a vaidade, a sensualidade e a determinação. Oxum também é vista como tímida e calma, mas pode ser impiedosa e agitada (SOUSA, 2007). Segundo Vidigal e Teixeira (2014), a Orixá, por ser muito vaidosa, é conhecida por usar roupas caras, jóias preciosas feitas de ouro ou de cobre, pentes de marfim ou de tartarugas e espelhos feitos com madrepérolas.

Figura 19 - Representação do Orixá Oxum



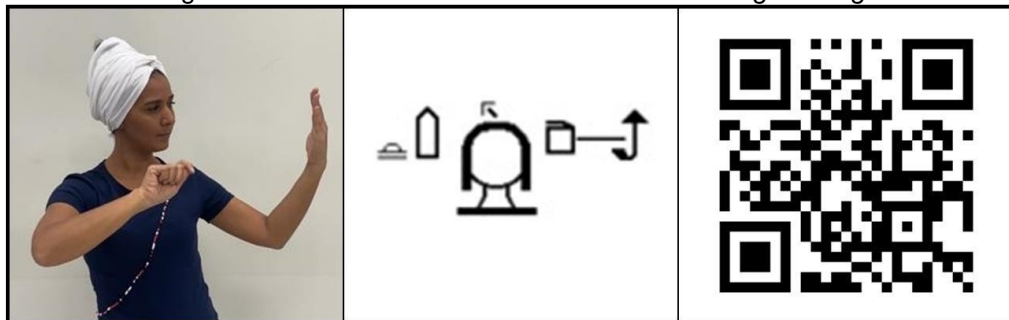
Fonte: Vidigal e Teixeira (2014, p. 8)

Oxum é representada pelas cores amarelo-ouro e dourado. A Orixá também tem suas comidas favoritas, e geralmente são preparadas com inhame, azeite de

dendê, ovos e milho. As iguarias africanas prediletas da Orixá são o *ipetê*, o *omolucum*, o *ado* e xinxim de camarão ou mais conhecido como guisado de camarão.

Os símbolos que representam Oxum são o *abebé* (igual ao de Iemanjá, porém, é feito de latão) e o *idé* (bracelete de bronze ou metal). A expressão *Ora-Yê-Yê-Ô* é a saudação da Orixá! Oxum é associada à Nossa Senhora das Graças ou Nossa Senhora de Candeias (CASTRO, 2001).

Figura 20 - Sinal OXUM e a Escrita do Sinal em *SignWriting*



Fonte: Elaborado pela autora

O sinal OXUM é reproduzido com as mãos assumindo CM diferentes. Com o braço na altura do peito, com a palma da mão direcionada para o sinalizante mais precisamente para o rosto, a mão passiva tem como CM a forma nº 62 enquanto a mão dominante assume a CM nº 4 e faz movimentos circulares ao lado do rosto.

Morfologicamente, de acordo com Sousa (2022b), o sinal considerado como simples, pois, possui um único formante em língua de sinais.

A motivação semântica deste sinal, pode ser percebida e relacionada com uma característica específica da Orixá Oxum: o pente e o espelho. Como dito, Oxum é vaidosa e estes artefatos fazem parte de seus símbolos. Assim, a iconicidade está é identificada entre o referente e o sinal em questão.

#### 4.10 Sinal XANGÔ

Xangô é o Orixá dos raios e dos trovões, da vida, da proteção, da justiça e do fogo. Xangô e Iansã se complementam, ele é o raio e ela a tempestade. O Orixá costuma ser invocado para ajudar a resolver questões financeiras, tem como principais características a beleza, a virilidade, a paixão e o forte senso de justiça. É conhecido também por ser rígido e severo. Há relatos que, quando Xangô “está em terra”, o terreiro “treme”. Os adeptos que os recebem, entram em transe e dançam



com as mãos para cima, como se estivesse erguendo seus artefatos. Em outras religiões, pode ser associado a São Pedro e a São Jerônimo (VIDIGAL; TEIXEIRA, 2014).

Figura 21 - Representação do Orixá Xangô

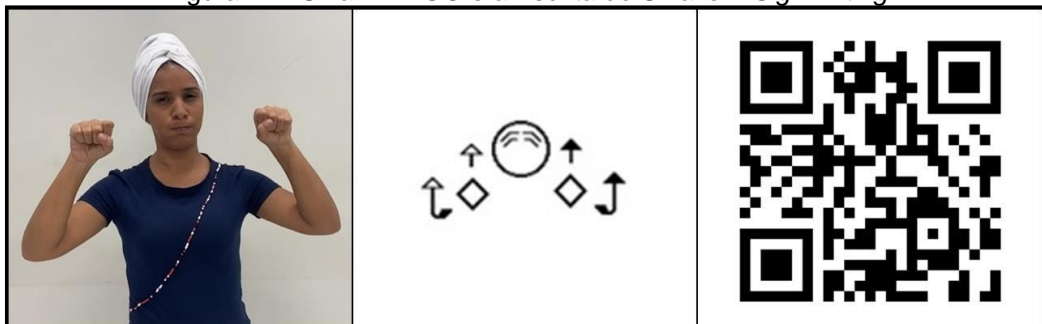


Fonte: Vidigal e Teixeira (2014, p. 8)

As cores que simboliza Xangô são o vermelho e o branco. Suas comidas são o *amalá* e o *obé*. O *amalá* é uma comida feita com inhame, milho, farinha de mandioca, quiabo, camarão, azeite-de-dendê e, às vezes, pimenta. O *obé* é uma espécie de sopa ou caldo preparada com carne de carneiro.

Os símbolos que representam Xangô são o *oxê* – um machado esculpido com dois gumes, e o *xerê* – chocalho de metal ou feito de cabaça, com pequenos grãos dentro (CASTRO, 2001).

Figura 22 - Sinal XANGÔ e a Escrita do Sinal em *SignWriting*



Fonte: Elaborado pela autora

O sinal XANGÔ é realizado em espaço neutro. Com ambas as mãos em CM nº 2, o sinal possui um movimento retilíneo para cima e expressões faciais como o franzir da testa.

Quanto ao tipo morfológico, como aponta Sousa (2022b), o sinal pode ser considerado do tipo simples, pois, também é constituído por um único formante da língua nativa.

Ao analisar a motivação semântica deste sinal, é possível identificar uma relação de iconicidade entre o sinal e o seu referente a partir de características particulares de Xangô quando o Orixá se manifesta nos terreiros por meio dos filhos-de-santo, o jeito de dançar.

#### **4.11 Síntese da análise**

Com a conclusão das investigações, fizemos uma breve síntese dos nossos resultados.

Quanto à descrição fonológica dos sinais, tomamos como base o que apresenta Felipe (2017) em relação as configurações de mãos e o que Quadros e Karnopp (2004) apresentam sobre os demais parâmetros, que são: Movimento (M), Orientação da Palma (O), Ponto de Articulação (PA) e Expressões Não Manuais (ENM). Cada sinal tem sua formação única composta por esses parâmetros, que foram descritos no decorrer da análise de cada um.

Quanto ao tipo morfológico, tomamos então os estudos de Sousa (2022b) que aponta quatro tipos de classificação morfológica: simples, simples híbrida, composto e composto híbrido, como explicado. Ao fim da análise, pudemos perceber que dos 10 sinais, 7 são do tipo simples (possuem um único formante em línguas de sinais) e 3 do tipo composto (possuem dois formantes ou mais das línguas de sinais).

Não há sinais que possuam classificação híbrida ou composta híbrida, assim, é possível afirmar que nenhum sinal possui empréstimo da língua oral, portanto, todos os sinais são constituídos por formantes da língua natural.

Podemos observar, na tabela abaixo, os resultados quanto à classificação morfológica.



Quadro 1 - Classificação Morfológica

<b>Classificação Morfológica</b>	<b>Sinal</b>
Simples	EXU
	NANÁ
	OGUM
	OMOLU
	OXÓSSI
	OXUM
	XANGÔ
Composto	IANSÁ
	IEMANJÁ
	OXALÁ

Fonte: Elaborado pela autora

Convém mencionar ainda que, primeiramente buscamos identificar o aspecto da iconicidade relacionando os sinais às imagens representativas dos Orixás apresentadas por Vidigal e Teixeira (2014), nos casos em que não foi possível fazer essa relação, partimos para uma análise a partir do que o Orixá representa e de características próprias das entidades, conforme apontada por Sousa (2007) e Castro (2001). A partir disso, analisamos a motivação destes buscando compreender a relação estabelecida por pessoas surdas ao nomear essas entidades.

Dessa forma, em relação aos aspectos semântico-motivacionais, concluímos que a iconicidade pode ser percebida em todos os sinais analisados.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objeto de estudo os sinais em Libras dos Orixás do Candomblé. Sabendo que o léxico de uma língua é uma fonte inesgotável e que está em constante evolução, pois, assim como ocorre em toda língua viva, enquanto algumas palavras surgem, outras caem em desuso. Como dito, os estudos de Antunes (2012) evidenciam que por meio do léxico podemos ter acesso à cultura de um povo. No entanto, para analisar o léxico de um povo, é preciso considerar diversos fatores como a cultura, a história e principalmente a forma como esse léxico se constituiu. Apesar de recentes, os estudos que tratam tanto do léxico da Libras quanto do léxico do povo-de-santo contribuíram significativamente para esta pesquisa.

Sabendo que a Onomástica é a área da Linguística que se dedica em estudar os nomes próprios em geral e que as mais conhecidas são a Antroponímia e a Toponímia, é interessante ressaltar que há outras áreas da Onomástica: a Panteonímia. Cabe à Panteonímia o estudo dos nomes próprios dos astros, dos ventos, dos animais, e do que nos interessou, os deuses e entidades, especificamente nomeado por Teonímia.

Os estudos onomásticos em Libras evidenciam uma relação interdisciplinar entre o estudo dos nomes próprios e as outras áreas do saber como a Biologia, Geografia, Religião, principalmente porque, para compreender o ato de nomear, que é uma característica inata do ser humano, em línguas orais ou em línguas de sinais, que é o nosso caso, é preciso compreender as motivações que levam à atribuição de um nome, seja à uma pessoa, um lugar, um animal, um astro ou à uma entidade religiosa.

Compreendendo a importância de expandir os estudos Onomásticos, nos interessou estudar os sinais dos Orixás, e para que pudéssemos chegar aos resultados alcançados, definimos como ponto de partida a seguinte pergunta: quais as características motivacionais dos sinais em Libras que nomeiam os Orixás do Candomblé? Para responder essa pergunta traçamos alguns objetivos, que inicialmente foram desafiadores. Nossos objetivos tiveram como norte buscar a existência dos sinais dos Orixás do Candomblé, visto que não conseguimos identificar pessoas surdas que frequentam o Candomblé em Rio Branco - Acre, buscamos outras fontes, na qual encontramos um canal do Youtube intitulado "Axé Libras", que contém diversos vídeos no contexto das religiões de matrizes africanas, o que possibilitou a

realização desta pesquisa. Após encontrarmos o vídeo que se identificou com nosso trabalho, selecionamos os sinais que seriam analisados, descritos e classificados quanto aos parâmetros de formação, quanto ao seu tipo morfológico e buscamos identificar a motivação semântica dos sinais coletados.

Diante de tudo que foi dito até aqui, considerando as dificuldades que encontramos ao pesquisar as línguas de sinais no contexto das línguas de raízes africanas, acredita-se que esse trabalho contribua imensamente como os estudos onomásticos em Libras que possam se voltar para a Teonímia, de forma que inspire também outras pessoas que queiram se dedicar aos estudos teonímicos, independente de sua religião.

Importante também ressaltar as limitações que encontramos ao trilharmos essa trajetória, visto que, não foi possível identificar surdos que frequentam o Candomblé aqui em Rio Branco – Acre, portanto, não foi possível analisar os outros sinais dos Orixás, nem buscar possíveis variações entre estes sinais ou até mesmo confirmar com pessoas surdas as motivações percebidas.

Como essa pesquisa se constitui como um trabalho de conclusão de curso, mas que também marca uma nova fase em minha vida, pretendo, num futuro próximo, vir a preencher essas lacunas. Ainda há muito o que pesquisar, discutir e analisar a respeito do léxico das línguas de sinais, especialmente sobre os estudos onomásticos em Libras, que refletem e interrelacionam língua e cultura.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, E. T. R.; SEIDE, M. S. **Nomes próprios de pessoas**: introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020.
- ANTUNES, I. **Território das palavras**. Estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A.; ISQUERDO, A. (Orgs). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001, p. 13-22.
- BIDERMAN, M. T. C. **Dimensões da Palavra**. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 81-118, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i2p81-118>. Acesso em: 22 ago. 2022.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, e o Art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF, 2022. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2005/decreto-5626-22-dezembro-2005-539842-publicacaooriginal-39399-pe.html>. Acesso em: 16 jan. 2023
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a língua brasileira de sinais e dá outras providências. Brasília, DF, 2022. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/99492/lei-de-libras-lei-10436-02>. Acesso em: 16 jan. 2023.
- CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CÂMARA JR., J. M. **Dicionário de linguística e gramática**. São Paulo: Vozes, 1986.
- CANEDO, D. P. **Cultura, democracia e participação social**: um estudo da II Conferência Estadual de Cultura da Bahia. 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador, 2008.
- CARMO, F. S. **Toponímia em libras dos parques, praças e espaços de lazer em Rio Branco (AC)**: análise dos aspectos formais e motivacionais dos sinais que nomeiam os espaços urbanos. 2022. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras), Licenciatura em Letras Libras, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2022.
- CASTRO, Y. P. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. Academia Brasileira de Letras, 2001.
- CONSTÂNCIO, R. **Relações de arbitrariedade e iconicidade na formação dos sinais em Libras**. 2022. 195 f. Doutorado em Letras. Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Unioeste, Cascavel, 2022.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. **Libras em contexto**: curso básico: livro do professor. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?:** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Ed. 4. São Paulo: Atlas, 2002.

GUÉRIOS, R. F. M. Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes. In: PEREIRA, B. O léxico toponímico pela via filológica: o entrecruzar de língua, cultura e história. **Revista de Estudos de Cultura**. São Cristóvão, v. 4, n. 2, p. 169-180. Jun. Dez. 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revec/article/view/11198>. Acesso em: 16 jan. 2023.

LOURENÇO, L; CUNHA, E. Onomástica antropológica: o ato de nomear a partir de uma perspectiva intercultural. In: DORES, M.; CORDEIRO, M. (Orgs). **Estudos do léxico**: diferentes olhares e perspectivas. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022.

MENEZES, K. C. S. O. **Antroponímia em Libras**: análises dos sinais-nome atribuídos a ouvintes do Curso de Letras-Libras. 2021. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras), Licenciatura em Letras Libras, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2021.

OLIVEIRA, O. L. **O léxico da língua de santo**: a língua do povo de santo em terreiros de candomblé da Rio Branco, Acre. Rio Branco: Edufac, 2019.

PAIVA, U. C. **Toponímia em Libras das Escolas de Rio Branco – Acre**. 2021. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras), Licenciatura em Letras Libras, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2021.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Língua brasileira de sinais**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

SILVA, W. **Orixás em Libras – Axé Libras**. 2018. (14:33). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YBGbQtclYR4&t=250s>. Acesso em: 02 fev. 2023.

SOUSA, A. M. Entre terreiros e encruzilhadas de Fortaleza: estudo léxico-semântico do vocabulário umbandístico. **Revista Philologus**. Ano 13 n° 39, p. 40-55, 2007. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/39/05.pdf>. Acesso em: 16 dez 2022.

SOUSA, A. M. Onomástica em Libras. In: SOUSA, A.; GARCIA, R.; SANTOS, T. (Orgs.). **Perspectiva para o ensino de línguas 6**. Rio Branco: Edufac, 2022a, p. 7-20.

SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras**: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022b.

SOUSA, A. M.; DARGEL, A. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. **Revista GTLex**. Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 7-22, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/Lex5-v3n1a2017-1>. Acesso em: 14 ago. 2022.

SOUZA, W. L. **Os sinais-nome dos jogadores de futebol da seleção brasileira: análise formal e semântico-motivacional**. 2022. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras), Licenciatura em Letras Libras, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2022.

TEIXEIRA, M. A. **Zoonímia em libras: análise estrutural e semântico-motivacional dos sinais de animais de estimação de surdos**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras), Licenciatura em Letras Libras, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2021.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

VIDIGAL, J.; TEIXEIRA, D. **II Coleção: Divindades Afro-Brasileiras**. São Paulo: Abril, 2014.